

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 20 de junho de 2018**

Texto de referência: J. Carrón, “Introdução”, em Eis que faço uma coisa nova: não a percebeis?, supl. Passos de julho de 2018, pp. 4-16.

- *Along the Jordan river*
- *La notte che ho visto le stele*

Glória

Veni Sancte Spiritus

Carrón: Boa noite a todos, presentes e conectados! Continuamos nosso caminho em busca da familiaridade com Cristo através de todos os acontecimentos da vida. Como vimos nos Exercícios, esta familiaridade não é alcançada a não ser através de uma história que acontece dentro das entranhas da vida. Por isso, toda circunstância que somos chamados a atravessar faz parte do caminho em direção a essa descoberta: é um passo em direção à familiaridade com Ele. O que facilita este passo?

Colocação: *No texto de Escola de Comunidade, lemos: “A pergunta que inevitavelmente se coloca é, então: mas essas atividades são capazes de nos realizar? O alarme é aquela sensação de incômodo que nos assalta por um “fazer” que, no fundo, não nos satisfaz. Mas a insatisfação mesma que sentimos quando esperamos a realização a partir do que fazemos pode tornar-se – se conservarmos uma pobreza última de coração – uma ocasião, a oportunidade de sentir dentro de nós a urgência de voltar ao início, ao entusiasmo por Cristo que nos tinha conquistado” (pp. 6-7). Eu jogo profissionalmente em um time de rúgbi. Um mês atrás, alcancei um sonho que tinha há muito tempo: vencemos a final do Campeonato Italiano e nos tornamos campeões da Itália. Além disso, também tive a alegria de alcançar a maior pontuação na final tornando-me o artilheiro do campeonato. Todavia, quando ouvi o apito final, não senti nenhuma comoção, nem a alegria que esperava sentir. Assim que terminou a comemoração pela vitória dentro do campo, depois de ter cumprimentado todos os que vieram falar comigo, voltei para o vestiário, tomei um banho e fui até o carro para deixar minha bolsa antes de ir para o jantar. Naquele percurso, enquanto caminhava sozinho, surgiu uma pergunta inesperada, mas pungente: “E agora?”. Tinha alcançado um sonho de cinco anos, também tinha coroadado a temporada com a artilharia, uma multidão estava ali por minha causa, no entanto tive que me render ao fato de que tudo aquilo não me bastava. Estava quase escandalizado, dizia a mim mesmo que não podia ser verdade e que tinha que me esforçar para ficar contente. Depois, porém, ainda durante aqueles poucos instantes, tentei olhar para mim até o fundo e dei-me conta de que a minha reação se devia ao fato de que tenho uma necessidade realmente infinita. Voltei, então, à origem de mim mesmo, à origem do meu eu, e fiquei surpreso com como a realidade, de modo totalmente inesperado, estava ali, perguntando-me de novo: “O que você quer?”. Uma medida totalmente diferente da minha entrava e destruía todos os meus projetos, as minhas impressões – como você diz – sobre a realidade e, de repente, senti-me mais livre e amado. Naquele momento, aquela saudade foi o modo como um Outro me dizia: “Você é mais do que isto. Está interessado em descobrir o amor que Eu preparei para você?”. Aquela saudade que me tomou no final do jogo foi ocasião para redescobrir com que critério enfrentar as escolhas para o futuro. De fato, não é a análise lúcida da situação que me fará optar pelo caminho certo para mim, o único critério que me torna livre diante da realidade é a necessidade de felicidade que tenho agora. Preciso agradecer infinitamente a esta companhia porque sem o constante trabalho que me é proposto aqui não seria capaz de me olhar por inteiro desse modo.*

Carrón: O dia do grande sucesso: “‘E agora?’. Tinha alcançado o sonho de cinco anos, e mesmo assim tudo isso não me bastava”. Por um instante isso te scandalizou, como se tivesse precisado, você mesmo, preencher aquela falta esforçando-se para estar contente. Porém o que aconteceu fez você entender a natureza da sua necessidade. Não é tanto quando as coisas não dão certo que reconhecemos a natureza da nossa necessidade, porque neste caso poderíamos pensar: “No dia em que tudo acontecer segundo os meus sonhos, será o fim do mundo!”. O problema começa sobretudo quando as coisas vão muito bem e, mesmo assim – como você disse –, não bastam, porque isso fala muito mais sobre o nosso ser, sobre o “mistério eterno do nosso ser”, do qual falava Leopardi, do que todas as nossas reflexões. Você sabia disso, já tinha lido que nada basta, mas descobrir na carne – na experiência – é muito diferente. E é interessante como, assim que a pessoa se dá conta, se surpreende livre: “Uma medida totalmente diferente da minha entra e, de repente, sinto-me mais livre”. Ao invés de me deixar scandalizado, torna-me livre! E, então, sente saudade, a saudade de algo que já experimentou: “Você é mais que isso. Está interessado em descobrir o amor que Eu preparei para você?”. A familiaridade com Cristo não é algo que vem estragar a festa pela vitória, é a única coisa que a salva de verdade! Porque, se desde o primeiro contragolpe não lhe basta, que festa é esta? Seria preciso se distrair para festejar. Ao contrário, o que salva a festa é exatamente esse reconhecimento. Por isso, a familiaridade com Cristo que estamos procurando não é para acrescentar à nossa vida algo de devoto; é para não perder nada, nem a coisa maior e mais incrível que pode acontecer na vida. Mas às vezes essa necessidade queima tanto, que a pessoa preferiria não senti-la. O que permite estar diante dessa urgência profunda?

Colocação: *Durante um longo período vivi momentos em que senti Cristo totalmente desconectado da minha vida. Diferente de familiaridade, era completamente o oposto! Comecei a não fazer Escola de Comunidade e a fazer o que bem entendia, porque parecia que nada me “falava” mais. Estava infeliz, muito irritada e triste. Não sei se já aconteceu com vocês ver as várias partes de suas vidas (a família, o trabalho, as pessoas em volta) com a impressão de que tivesse sobrado apenas cacos nas mãos. Dentro de tudo isso, meu trabalho (sou oncologista) não me ajudou em nada, me atormentava, literalmente, até porque não é possível fugir do drama último de ver pessoas morrendo e deixando seus entes queridos. Isso me abriu feridas enormes. Tudo era uma nuvem de infelicidade que eu não queria mais. Num determinado momento, pensei: “Queria não sentir, queria não desejar, queria que essa ferida fosse arrancada de mim”. Até que, depois de um longo tempo, minha perspectiva mudou e comecei a pensar: “Tudo bem, tenho uma ferida enorme que tentei suprimir de todas as maneiras (saindo com os colegas, fazendo o que tinha vontade, buscando me satisfazer, ajustar a minha vida), porém essa ferida existe, continua existindo e não importa o que eu faça para suprimi-la, ela sempre ressurge, não pode ser suprimida, é um ponto que continua se manifestando cada vez mais forte”. E disse a mim mesma: “É incrível, acho que a minha vida é um caos, um desastre, no entanto tenho um coração que continua gritando, tenho um coração vivo que faz com que, embora meus colegas saiam felizes de uma noite de diversão, eu não, porque a altura do meu desejo, por causa do que encontrei, é maior e há sempre uma discrepância”. Na Páscoa, depois de meses de trabalho difícil, fui à Via Sacra – indo, inclusive, até a última estação – e me surpreendeu o trecho que diz que Cristo se fez carne. Naquela mesma noite fui jantar na casa de algumas amigas da Escola de Comunidade...*

Carrón: Quantas vezes já tinha ouvido esse trecho?

Colocação: *Muitíssimas, mas naquele momento o entendi realmente.*

Carrón: É uma história. Não é preciso se scandalizar. É uma história que lhe devolve em carne e osso o que você já sabe.

Colocação: *Foi um jantar muito rápido, mas aconteceu uma coisa estranha: depois de dias me sentido pesada, quando voltei para casa estava feliz. Pensei: “Neste momento volto a respirar, como se tirasse um peso do coração”. Não conseguia explicar. Já participei de jantares muito mais bonitos, porém, ali, estava contente, mas em outros jantares mais bonitos, não. Aos poucos entendi porque havia em mim essa letícia que não me deixava tranquila, e continuava pensando nisso.*

Então entendi que o que tinha me acontecido era a descoberta de que Cristo é realmente carne e está num lugar através de rostos precisos. Não é que me faltassem os rostos particularmente, de amigos até, mas vivia o vazio de uma Presença que eu já tinha encontrado. Este foi o motivo pelo qual decidi ir aos Exercícios, porque num determinado momento dei-me conta de que precisava voltar ao lugar onde eu tinha visto aquela Presença. Porém precisei ter um momento de grande lealdade, também dramático, comigo mesma. Disse: “Seja leal: até hoje, na sua vida, onde encontrou o que realmente buscava e o que preenche seu coração? Somente no encontro com a realidade do Movimento!”. Nos Exercícios, o que mais me marcou foi a meditação do sábado à tarde, quando você leu a carta da moça indiana. Deixou-me sem chão, porque senti muito próxima uma pessoa que vive do outro lado do mundo e que nunca encontrarei, de quem não sei nem o nome. É como se tivesse me dado um tapa, para me dizer: “Você se lembra do que viveu nestes meses, que fez você decidir vir até aqui? Do que você precisa?”. É incrível, aquela menina me lembrou por que estou aqui: eu também encontrei olhares e, como ela, tenho uma ferida que tentei suprimir, mas o meu desejo de rever aquela presença diferente volta constantemente, porque é uma coisa que está em mim, já faz parte de mim, e está aqui. Em Rímíni também experimentei a mesma estranhíssima letícia que, para mim, é um presente enorme e, sobretudo, me vi livre. Por exemplo, à noite, no hotel, jantei com pessoas que conheço muito pouco e com quem não compartilho nada, mas os sentia como um presente para mim naquele momento. De manhã, era um peixe fora d’água e à noite, ao contrário, estava livre, descobri-me livre. Depois do jantar, fui encontrar amigos queridos que vejo muito pouco (moram em outra cidade) e ficamos a noite inteira juntos com outras pessoas da comunidade deles. Ali também senti uma familiaridade incrível, e pensei: “Essa não é uma coisa minha”, não é uma coisa minha porque normalmente sinto uma dor por saber que estou vendo alguns amigos agora, mas não sei quando os verei de novo. Tenho medo de perdê-los, então normalmente quero ficar com eles e só com eles. Mas naquela noite isso não era mais um problema, e pensei: “O problema não é estar com estes rostos, mas a familiaridade com todas essas pessoas!”. Entendia que estava compartilhando com eles algo maior.

Carrón: E por que não tinha medo de perder aqueles rostos?

Colocação: Não tinha medo de perdê-los porque era como se, literalmente, visse que eu e aqueles rostos temos uma grande raiz, uma mesma raiz e por isso não importa...

Carrón: Não os perde mais!

Colocação: Não os perco mais, exato. Não os perco mais.

Carrón: Vocês entendem que, sem estar diante de uma presença, a pessoa não gostaria de sentir mais nada, nem desejar? Quer dizer, sem familiaridade com uma Presença, não conseguimos olhar bem a nossa humanidade, como escutamos no canto: “Sem Ele não consigo mais entender as coisas” (*Along the Jordan river*), já não conseguimos entender as coisas mais nossas, o desejo que nos constitui, a sede que coincide com nós mesmos, que está dentro, no fundo de nós. Ao contrário, estar diante de uma presença, como aconteceu com você, é o momento em que se percebe como o próprio coração está vivo. Não devemos perder nada daquilo que nos dizemos: você se perguntou por que os outros ficam felizes, por que saem para uma noitada e voltam para casa contentes. E descobriu que isso não te basta, porque a altura do seu desejo é maior. Amigos, não somos mais o que éramos antes do encontro, o encontro nos revelou mais a nós mesmos, entendemos quem somos verdadeiramente. E não nos escandalizamos com os outros: de fato, se não tiveram a possibilidade de descobrir até o fundo quem são, se contentarão com qualquer coisa, porque não sabem que a vida pode alcançar a plenitude que nós vimos e tocamos. É uma plenitude que torna a vida ainda mais dramática, como dizia também nossa amiga indiana, porque quanto mais avança na vida mais se dá conta de que nada é comparável ao que viu. Pode pisotear, pode se distrair, pode tentar reduzi-lo e não pensar mais a respeito, mas existe, está presente, e o seu eu já é plasmado por isso. O Senhor nos espera. Por isso, não nos confundamos mais: “Não é que me faltassem os rostos particularmente, de amigos até, mas vivia o vazio de uma Presença que eu já tinha encontrado”. E onde vai procurar essa Presença? No lugar onde a encontrou pela primeira vez: “Este foi o motivo pelo qual decidi ir aos Exercícios”. É impressionante, aqui a pessoa entende realmente a diversidade

do cristianismo: por que é necessário ir a um lugar preciso, com rostos precisos, por que Rímini? É a mesma coisa que os discípulos devem ter se perguntado: por que, para entrarem em relacionamento com o Mistério, ao invés de ir ao rabino escutar uma meditação sobre o Antigo Testamento, precisam ir pescar com Ele? Por que ir a Cafarnaum em vez de Jerusalém? Porque não somos nós que decidimos onde acontece! Assim, nos damos conta da natureza daquele Rosto em última instância singular, tanto que nasce na pessoa o desejo de revê-Lo e se surpreende de que as pessoas que encontra em Rímini são amigos. Dom Giussani diz que se Cristo não entra no profundo do coração, sentimos uma estranheza em relação aos outros; e somente com Ele a familiaridade cresce.

Mas, às vezes, apesar de vermos essas coisas, “nos assalta uma pergunta insidiosa”, como me escreveu um de vocês. Diante de uma notícia particularmente desafiante e muito dolorosa, ouviu o filho adolescente fazer perguntas às quais deu uma resposta que nascia da fé: “Diante do mal, mesmo que seja grande e nos deixe sem ar, devemos logo levantar o olhar para Ele, olhá-Lo, reafirmar suas palavras, suas promessas e, assim, veremos também o bem, como o amor que há na nossa família”. O filho respondeu: “Pai, como ter certeza de que não é apenas uma consolação nossa, uma distração?”. Então ele me pergunta: “Quando eu era jovem, participava de torneios de tênis e me ensinaram o *treinamento autógeno* [será que ensinaram isso também ao nosso campeão?] para controlar o estresse da competição: concentrar-se no positivo, apagar logo o erro cometido, olhar para frente, concentrar-se no momento atual, nunca pensar na derrota, etc. A pergunta do meu filho me desconcertou e às vezes me pergunto: “Agora também é assim? Quando faço Escola de Comunidade, quando levanto o olhar para Cristo, estou fazendo *treinamento autógeno*?”. Como respondemos a essa pergunta?

Colocação: *Estou entendendo, por tudo o que foi dito, que é preciso estar atento aos fatos que acontecem, porque entendo bem o episódio do Evangelho no qual Filipe diz a Jesus que lhe mostre o Pai e Jesus diz: “Há tanto tempo que estou convosco, e não me conhecestes, Filipe? Aquele que me viu, viu também o Pai”.*

Carrón: Estão vendo? A resposta já foi dada: é preciso prestar atenção aos fatos, porque os fatos demonstram que não é um *treinamento autógeno*.

Colocação: *É preciso um reconhecimento da origem da diversidade dos fatos que contamos entre nós. Porém, muitas vezes eu vivo como se tivesse que alcançar a familiaridade com Cristo, e isso é angustiante. De fato, percebo que frequentemente eu perco o melhor do que acontece porque vivo com o problema de “ter que” reconhecê-lo. Mas me dou conta de que, quando Ele acontece, a vida tem um fôlego diferente e é quase espontâneo dizer “Tu” a Cristo. Posso dizer, pela experiência que fiz no Movimento nestes anos, que não abracei o cristianismo por um moralismo, mas porque vi pessoas que eu invejava por serem felizes. Então me pergunto: como me liberto desse impasse em relação ao meu esforço?*

Carrón: Você usa a palavra “espontâneo” como se a alternativa fosse entre o dever e a espontaneidade. Em que consiste reconhecer Cristo? É um dever ou é uma espontaneidade? Depende de um esforço meu ou é Ele que vem me salvar? Nós sempre corremos o risco de colocar em contraposição algo que recebemos com algo que nós devemos fazer. Mas, para responder a esta pergunta, bastaria olhar para o que você está dizendo: “Pela experiência que fiz no Movimento nestes anos, não abracei o cristianismo por um moralismo [você já respondeu: não é algo que você precisa alcançar], mas porque vi pessoas que eram felizes”. Não é um *treinamento autógeno*! Não foi isso o que mudou a sua vida, mas fatos que você viu, pessoas felizes que viu. Infelizmente nós confundimos esse reconhecimento com algo espontâneo, como dizer: basta ver pessoas felizes para alcançar a origem dessa felicidade. Não é assim. Os discípulos, como você disse citando o episódio de Filipe, podem estar com Ele e não perceber Quem é verdadeiramente. “Há tanto tempo que estou convosco, e não me conhecestes, Filipe? Aquele que me viu, viu também o Pai” (Jo 14,9). Em outras palavras: podem estar com Ele e não chegar ao Pai. Não é um dever, mas também não é uma espontaneidade. É um reconhecimento, que não é autêntico se não chega até a origem, até a fonte

dessa letícia. Quem é este? “Não te dás conta, Filipe, de que quem me vê, quem vê estes fatos, não precisa se esforçar para alcançar o Pai? Eu desci do céu para trazê-Lo a você. Mas há uma coisa que não posso fazer no seu lugar: reconhecê-Lo”. Cristo pede a sua colaboração, pede o seu reconhecimento. Se, a partir do que vê, esse processo de reconhecimento da razão não se coloca em movimento, no fundo fica suspenso entre algo que deveria alcançar e algo que seria espontâneo alcançar. Não! Não é um dever nem é uma coisa espontânea! É um reconhecimento, por uma lealdade àquilo que vejo, até a sua origem. E isso implica que o meu eu se envolva com o que acontece para não perder o melhor do que acontece, ou seja, a origem. Como quando alguém recebe um buquê de flores – um exemplo que demos tantas vezes – e é desafiado. Sim, é espontâneo ver o buquê, mas chegar a quem o enviou não é. Se os discípulos ficam olhando para Ele e não reconhecem o Pai que se manifesta em Jesus, então fazem a pergunta de Filipe, mesmo que convivam com Ele. Quais fatos facilitam o reconhecimento de que a fé em Cristo não é uma consolação ou um *treinamento autógeno*?

Colocação: *Dou aulas num Instituto Técnico e Profissionalizante. Em maio, durante as últimas semanas de aula, participei de uma assembleia de professores cujo o tema era a pergunta: “Como o seu trabalho foi uma ocasião de verificação da fé?”. Provocada, fiquei tocada ao me perceber cheia de gratidão. Acho que nunca vivi um ano de trabalho tão difícil e tão marcado por uma grande impotência; mas também nunca tinha me acontecido tornarem-se tão caras todas as coisas que acontecem; eu não eliminaria nenhum dia, porque estou descobrindo que há Alguém que usa tudo para me educar. Uma das minhas turmas é muito difícil, todos meninos, metade estrangeiros e alguns repetentes, e o trabalho em classe se mostrou tão duro que diversos colegas achavam que era impossível. O lamento e o desconforto dominaram com frequência os relatórios e os juízos, e eu também, muitas vezes, me vi determinada por uma sensação de fracasso. Todavia, justamente nos momentos mais difíceis, e cada vez mais durante o ano, abriu-se em mim uma pergunta, como uma hipótese: “E se em vez de esperar algo deles, esses jovens e esses colegas me tivessem sido dados porque sou eu que devo descobrir algo e devo mudar?”. Partindo da consciência dessa possibilidade, não há um dia em que não seja possível recomeçar. A ferida por causa da sensação de impotência e do desejo de que aqueles jovens possam reconhecer algo de grande permanece, mas a medida do meu projeto é derrubada porque o que está em jogo e o que pode acontecer são maiores do que a ideia com a qual entro na sala de aula, que constantemente é destruída. Às vezes, quando saio da aula deles, tomada pelo desconforto, penso que foi um fracasso. Mas quando digo isso, há um momento em que paro porque devo admitir que não é verdade, não é verdade que não aconteceu nada. Há um fato, em particular, que me fez companhia durante este ano. Um dos jovens mais difíceis, do tipo que dita o clima na classe, de quem os outros vão atrás, repetente, no ano passado aprontou de tudo, mas neste ano mostrou quase uma docilidade para comigo; de algum modo se deu conta de que eu me importava com ele, assim me esperava, esperava que eu olhasse para ele na aula e mostrava um desejo maior, embora normalmente sufocado. Um dia, encontrei seus pais e, com lágrimas nos olhos, me disseram: “Professora, não sabemos mais o que fazer com ele”. Efetivamente poderia ter sido reprovado de novo, mas isso não podia ser tudo dele. Então, junto com alguns conselhos práticos, comecei a falar dessa esperança, exatamente porque podemos apostar no seu coração: “Não sabemos o que acontecerá com ele nestes meses”. Eu nunca teria imaginado que esses pais, que estavam desanimados, confiariam, aceitariam o desafio, tanto que num determinado momento falaram com o filho e lhe propuseram recomeçar e o inscreveram num reforço escolar vespertino. E ele aceitou (uma coisa que eu não esperava). Impressiona-me muito olhar para esse rapaz porque quando dou aula na sala dele a cena é esta: ele me espera no corredor, eu chego e ele me diz: “Professora, olhe! Este é o caderno com os diagramas. Aqui está a lição de casa”. Ele nunca fazia a lição! Num determinado momento, descobri que muitos colegas não tinham se dado conta desse fato e, quando o assunto saiu em uma reunião, a reação geral me desconcertou porque parecia que não tinha a menor importância, como se fosse uma coisa muito pequena...*

Carrón: Como se fosse fruto de um *treinamento autógeno*.

Colocação: *Sim, uma coisa muito pequena e frágil em relação ao fracasso geral e ao rendimento escolar do rapaz. Não conseguiam ver. Entendo bem que, não vendo fatos como este, prevaleça a frustração. Então, muito provocada, fui obrigada a me perguntar o que tinha acontecido para mim? O que eu tinha visto? Um aluno que recomeça, que começa a fazer uma coisa grande, porque livre de uma medida, que começa a se amar porque sentiu-se amado. Um dia, contei tudo isso a uma amiga e ela leu uma frase do cartaz de Páscoa: “Desde o dia em que Pedro e João [...] O viram ressuscitado e vivo no meio deles, tudo pode mudar. Desde então e para sempre um homem pode mudar, pode viver, pode reviver”. Na verdade, me comove ver como, neste ano, Alguém está me mudando e o sinal disto, o primeiro sinal, é que me faz ver mais. Há Alguém que me faz ver mais.*

Carrón: Então, o que aumentou sua familiaridade com Cristo este ano? Um *treinamento autógeno*? Uma consolação?

Colocação: *Não. Ver coisas que eu não via antes.*

Carrón: Repita o que você acabou de dizer!

Colocação: *Foi um ver mais.*

Carrón: “Mais”. “Um ver mais”, diferente de *treinamento autógeno*! Todos os outros não acreditam, nem se esforçando com todas as suas estratégias pedagógicas podem imaginar uma medida diferente com a qual é possível olhar para um rapaz difícil, como a que você descreveu. E se fosse esta, em vez de um *treinamento autógeno*, a verdadeira maneira de olhar para a realidade? Quando você olha para a realidade vendo o “mais” que há nela, até o rapaz que parece paralisado, que parece que deve ser descartado, e os pais, que não sabem o que fazer, um e outro começam a ver de modo diferente. Diferente de *treinamento autógeno*! Mas é preciso que haja algo presente. É através da realidade – não ao lado, não depois, mas dentro – que conhecemos Cristo e que a familiaridade cresce em nós, não pensando em mil coisas, não tentando nos autoconvencer d’Ele; é Cristo que nos surpreende constantemente fazendo-nos ver uma diversidade, uma novidade que entra na história e que quebra qualquer medida, até nas coisas simples.

Colocação: *Na sexta-feira de manhã, junto com outros amigos do Banco de Solidariedade, preparo cestas básicas e depois vou entregá-las. Passo algumas horas na casa de algumas famílias em dificuldade. Paradoxalmente, a dificuldade delas é uma grande ajuda para mim, antes de mais nada a estar desperto em relação às perguntas últimas, que um amigo que não é do Movimento mas sabe tudo de Giussani chama de “perguntas sobre o sentido”. O pai de uma dessas famílias, desempregado, com dois filhos e com a esposa também desempregada, me disse na sexta-feira que dentro das suas possibilidades, gostaria de retribuir dando-me algo pela cesta que levo para eles. Deu-me uma mochila de seu filho – uma mochila escolar que tinha consertado porque estava um pouco puída – para que eu desse a alguma criança que precisasse. Não pude deixar de me comover. Ele percebeu e me abraçou sem dizer nada. Naquele momento, percebi que o meu coração e o dele foram tocados por algo verdadeiro, mais, o meu coração voltou a funcionar, a fazer aquilo que deve fazer e a partir disto vi que pode nascer um relacionamento com ele. E comecei a pensar – eram os primeiros dias do novo governo italiano – nos nossos governantes: o que me dá mais medo não é um governo “populista”, mas o povo que não existe mais, a comunidade que responde com a barriga e não com o coração, que não é mais capaz de solidariedade, de amizade e de partilha. Moro em uma cidade pequena e vejo essas coisas. No entanto, entregando cestas básicas, encontro e toco com a mão a esperança que significa que é possível olhar para o outro e ser amigo dele. É preciso que o coração resista, que exista, e que nos acompanhem nisso – é o que peço aos meus amigos –. Não mudaremos o mundo, mas nós mudaremos; assim como não mudaremos a vida dessas pessoas, mas nós mudaremos. E, então, o mundo mudará.*

Carrón: Vejam como o que estamos dizendo não vale apenas em nível pessoal, mas é algo que começa a mudar a realidade, porque começa a se introduzir um jeito mais verdadeiro de olhar para o

aluno e para seus pais, de olhar para o pobre a quem se leva a cesta básica. No entanto, às vezes, nos deixamos tomar, apesar de tudo quanto vemos, pela desmoralização. O que nos arranca dela?

Colocação: *Outro dia, estava conversando em um grupo de WhatsApp criado para organizar a festa da filha de uns amigos nossos. A proposta era festejar na sexta-feira seguinte, que seria a mesma noite da celebração da missa em Sotto il Monte, pela chegada da urna com o corpo do Santo Papa João XXIII, para a qual nosso bispo convidou todos os movimentos da diocese. Escrevi no grupo: “Na sexta-feira vai acontecer a missa, mas eu não vou porque minha filha de um ano não ficaria quieta um instante, portanto nós estamos livres, vamos fazer a festa”. Então, uma amiga escreveu: “Não, pessoal, é muito importante. É o Papa que está nos chamando! Fazer uma festa na mesma hora seria eliminar tudo”. Fiquei sem reação porque o que ela tinha acabado de dizer era muito mais bonito e verdadeiro do que o que eu tinha escrito. Naqueles dias, estava lendo a Introdução dos Exercícios e, pensando a respeito, entendi: a desmoralização, que sinceramente pensava ser uma coisa de “velhos”, me atingia, porque estava toda empenhada em organizar a minha pequena realidade e minhas coisas sem dar a possibilidade ao imprevisto de abrir o meu olhar. Jesus estava me chamando pessoalmente: “Você me ama mais do que a seus projetos? Está disposta a me dar espaço no meio de seu frenesi organizativo?”. Naquela noite minha filha estava bem, então eu e meu marido fomos à missa. Eu quase corria pela rua com o carrinho de bebê porque não queria me atrasar, e meu marido me disse: “Por que está correndo assim?”. Eu respondi: “Estou agitada e muito contente por estar aqui nesta noite, Jesus está nos chamando através do Papa, você entende? Não podemos chegar atrasados!”. Na missa, diante dos despojos de João XXIII, rezamos por todas as famílias e para que nosso coração continue sempre aberto e ferido pelo bom Deus.*

Carrón: Uma coisa simples assim, que faz a pessoa se sentir chamada, pode ser uma ocasião que me faz perceber como perdi a tensão ao imprevisto, à modalidade com que o Mistério me chama. Este é um dos muitos imprevistos que acontecem todos os dias. Quem diria que seria uma ocasião para tirar você da desmoralização? Não somos nós que decidimos qual é a maneira absolutamente imprevisível através da qual o Mistério nos chama. Por isso, dou o exemplo dos discípulos: quem poderia pensar naquele convite para ir pescar com Ele? Porque, amiga, alguém poderia dizer: “Por que ir à missa em vez de ir à festa? Vocês têm todas as razões para não ir!”. Como os discípulos: o fato de que o relacionamento com o Mistério passe por estar num barco com Alguém nos deixa pasmos. Porém, sem essa disponibilidade para irmos atrás do imprevisto, permanecemos fechados, desmoralizados no nosso mundinho e, depois, sufocamos. Mas às vezes acontecem coisas que nos perturbam tanto que reabrem nossas feridas.

Colocação: *Alguns dias atrás eu e duas amigas estávamos voltando de carro de um final de semana de estudos entre vestibulandos. Tínhamos acabado de contar o que descobrimos sobre o ano de '68, sobre nós e sobre o estudo, trabalhando na mostra que vai ser montada no Meeting. Foi um momento muito útil e bonito para todos. Entramos no carro calmamente. Eu estava dirigindo e, num determinado momento, comecei a sentir muito calor porque estava vestindo um moletom, então, parei o carro para tirá-lo. Foram alguns segundos, nada mais. Poucas curvas depois de termos partido, fomos os primeiros a ver um acidente que tinha acabado de acontecer. Era um acidente muito grave: um choque frontal entre um carro com uma família e outro com um homem. Saímos do carro imediatamente para chamar o socorro e para entender o que estava acontecendo. Diante de algo assim, nasce urgentíssima uma pergunta: “O que estou fazendo aqui? Quem me quer aqui?”. Basta uma colisão um pouco mais forte e nos arrebatamos, não existimos mais no dia seguinte. Poderíamos ser nós naquele acidente, bastaria eu não ter parado para tirar o moletom. O jovem que estava em um dos carros estava voltando da festa de fim de ano da sua turma, e eu, ao contrário, ainda estou aqui e cheio de saúde. Mas o que torna pleno este “aqui” e este “agora”? Os contestadores dos anos Sessenta diziam: “Até que não formos livres...”. Mas o que me faz livre aqui e agora? O que me faz realizado aqui e agora? Se não respondo dentro dos*

fatos a cada instante, se não respondo carnalmente a esta pergunta, se o Tu é apenas a conclusão ordenada de um raciocínio e não uma Presença que vence o tempo, construo toda a minha vida, que está presa por um fio, sobre o nada. Depois, uma coisa me impressionou: entre os gritos e as blasfêmias (até os socorristas blasfemavam como loucos), desde que levamos o rapazinho para se sentar em um lugar longe de sua mãe, comecei a rezar a Nossa Senhora sem parar. Por que nos deparamos com aquelas pessoas? Por que justamente nós e não algum outro? Provavelmente naquele momento – quem sabe – éramos os únicos que pensavam em Jesus. Fiz a mesma experiência da criança que você cita em Um salto de autoconsciência: a criança não pode deixar de olhar para o pai diante de um acidente, diante da dor. Foi exatamente a mesma coisa da pessoa apaixonada na festa, embora aquilo não fosse exatamente uma festa. Diante de uma coisa do gênero todos os habituais silogismos, com os quais se chega ao Tu no fim de um raciocínio, desaparecem. Na manhã seguinte acordei um pouco mais tarde do que o habitual porque chegamos às três da madrugada, e não consegui dormir antes das quatro. Sinceramente não tinha muita vontade de me levantar. Só um pensamento me fez sair das cobertas: “Hoje tem a Diaconia!”. Tinha uma urgência imensa de um lugar, não de uma explicação abstrata sobre a dor, da qual Cristo não foi poupado. Tenho uma grande necessidade dessa carnalidade, dessa familiaridade. Se penso em como normalmente tratamos a Diaconia como um lugar onde ficar sentados belos e confortáveis, sinto arrepios. A vida e a morte se jogam literalmente em cada instante. No outro dia não via a hora de estar lá, mesmo estando cansado, triste e distraído em meus pensamentos. Mas o que me comove é que eu tenho um relacionamento, um lugar no qual pensar quando a vida urge desse modo. Então, se escancara uma pergunta: “O que Tu queres, Senhor, de mim que sou tão frágil?”. Escancara-se o desejo de que Cristo tome cada centímetro do meu coração, que eu me deixe preencher a ponto de me realizar agora. Também me dei conta de que até diante de um fato tão urgente podemos parar na impressão, podemos parar no fato de que vimos algo que literalmente nos impressionou, e isso pode ocupar todos os pensamentos. Paramos na impressão, se alguém não nos provoca a levantar o olhar, se não nos ensinam a fazê-lo, ou seja, a nos darmos conta do que realmente aconteceu ali, naquele momento, a nos darmos conta de que os fatos nos foram dados para a nossa conversão. Somente assim é possível superar a impressão.

Carrón: Diante de um episódio forte como este, podemos parar na impressão. Dom Giussani nos dizia isso no texto que citamos no último encontro: “Fiquemos atentos [amigos] ao fato de que Jesus entre nós pode ser a origem de um mundo de humanidade [que nos faz sentir bem, como você dizia], cheio de letícia e amizades [...] de ajuda formal e materialmente concreta, [...] porém Jesus poderia ser reduzido ‘ao retrato de uma bela mulher esculpida em seu monumento sepulcral’”. Quer dizer, poderíamos permanecer agarrados a uma coisa fria, sem nenhuma incidência na vida. Porém, quanto mais a vida urge (como dizia o nosso campeão, ou na sala de aula, ou diante de um grave acidente), tanto mais você se dá conta de que a vida está presa por um fio. Se a pessoa não chega à familiaridade com Cristo, o que é a vida? Por isso, quanto mais a pessoa deseja, quanto mais a vida se torna séria, tanto mais sente a urgência dessa familiaridade; e não uma familiaridade qualquer, mas uma familiaridade que esteja à altura do drama humano. “‘O que o homem deseja mais fortemente do que a verdade?’. O que é a verdade? Um homem presente, um *homem* presente [dizia Giussani, atenção!]: não pode ser dilapidado ou dissolvido pelo aparecimento belo e feliz da companhia de rostos que deveria ser um sinal esboçado d’Ele!”. Vimos isso esta noite: podemos ter rostos ao nosso lado, mas quando a vida urge precisamos de outra coisa, logo percebemos a urgência de levantar o olhar para outra coisa. Porque se não existe esse rosto em última instância singular – Cristo –, tudo acaba em um instante. E “não se trata de amortizar o peso da nossa amizade, de tornar nebulosa a eficácia cheia de olhos, de lábios e de rostos, de palavras, de cantos, de coração de uma companhia bela como a nossa, mas é como uma espécie de uma tensão exasperada [...] a gritar o Seu nome, ó Cristo: “Obrigado porque Tu te fizeste ver e te sentaste aqui” (L. Giussani, *L’attrattiva Gesù*, Milão: Bur, 2001, pp. 150-153).

Como vocês veem, a urgência dessa familiaridade nasce das entranhas da vida, dos desafios que constantemente devemos enfrentar. Por isso, faço votos de que este verão seja para vocês, para nós,

a ocasião para crescer nesta familiaridade através de todas as circunstâncias nas quais viermos a nos encontrar: que cresça em cada um de nós essa exasperada tensão a gritar o Seu nome, ó Cristo.

O trabalho da Escola de Comunidade continuará durante o verão sobre o texto dos Exercícios da Fraternidade:

- de agora até o fim de julho trabalharemos a Primeira Meditação (páginas 18 a 35) e as respectivas perguntas/respostas da Assembleia (páginas 63 a 69 e 71 a 75) e as dos Exercícios da Espanha (páginas 79 a 84).

- nos meses de agosto e setembro trabalharemos a Segunda Meditação (páginas 41 a 62) e as respectivas perguntas da Assembleia (páginas 69 a 71 e 76-77).

As partes da Assembleia que retomam a Introdução são as páginas 77 a 79 e 84 a 87.

Saiu ontem o livro de Dom Giussani, *La convenienza umana della fede*, o volume 2 da Série Bur “*Cristianesimo alla prova*”, que reúne os Exercícios da Fraternidade de 1985 a 1987. “Vocês acreditam que o mundo precisa de algo diferente do testemunho, ou da luz, ou do calor dessa intensidade absolutamente inconcebível de vida, dessa redenção do nada, do mesquinho, do contraditório, da morte? Cristo é Deus porque venceu a morte” (pp. 88-89). Nós desejamos aumentar essa familiaridade para poder olhar de frente até a morte, sem ficar assustados. Para isso, temos um novo instrumento. Que possamos lê-lo durante o verão para continuar caminhando em busca dessa familiaridade.

Férias comunitárias. O tema que propomos para as férias está ligado ao que estamos dizendo: o que pode facilitar em nós a familiaridade com Cristo? Olhar para os fatos. Por isso, o tema é: “*Por estes fatos sabereis que eu sou o Senhor*”. Foi retirado da primeira meditação dos Exercícios da Fraternidade e é a sugestão de método para viver as férias, olhando para os fatos que acontecem como ocasião que nos ajuda a conhecer o Senhor, para responder à tentação de pensar que tudo seja um *treinamento autógeno*, um consolo barato; pelo contrário, é uma coisa real, histórica. Sem enfrentarmos juntos todas essas coisas, não podemos vencer o dualismo com nenhuma outra tentativa.

O Meeting de Rímini este ano acontecerá de domingo, 19, a sábado, 25 de agosto. O título é: *As forças que movem a história são as mesmas que tornam o homem feliz*. O Meeting é um raro espaço de diálogo, convivência e encontro entre as pessoas e as realidades mais diversas, mas é a nossa participação que faz o Meeting, antes de qualquer debate ou mostra. Portanto, não devemos deixar passar a ocasião de participar, de criá-lo com a nossa presença, envolvendo-nos em primeira pessoa, convidando todos os nossos amigos e nossas comunidades a vivê-lo como protagonistas. Desafio vocês a verificar se, indo pelo menos um dia, não muda algo na vida de vocês. Além disso, peço que levem em séria consideração o pedido que o Meeting faz, este ano mais do que o habitual, solicitando voluntários adultos.

O Dia de Início de Ano acontecerá sábado, 29 de setembro, em Milão e em conexão com muitas cidades da Lombardia e da Itália. Será uma ocasião em que, tendo recolhido das Férias e da Assembleia Internacional as provocações e perguntas de quem quer fazer um caminho, as reproporemos a todos para nos ajudar no início do novo ano civil.

Veni Sancte Spiritus

Boas férias a todos!